

Mulheres ganham espaço na agronomia em 2014

Mais de 600 mil estabelecimentos de agricultura familiar são dirigidos por elas no Brasil

Vitória Rocha

Poucas. É essa a resposta de algumas pessoas para a pergunta: “Existem quantas mulheres trabalhando na agronomia no Brasil?”. Entretanto, dados do Anuário Brasileiro da Agricultura Familiar apontam o contrário: cerca de 600 mil estabelecimentos rurais no país são dirigidos por mulheres – esse número representa uma média de 13% do total.

A presença feminina na agricultura familiar também tem crescido – só no ano passado, mais de 4,1 milhões de mulheres ocupavam postos de trabalho nesses estabelecimentos – um terço da mão de obra rural no país.

É este o caso da agricultora Braulina Diniz, assentada que tem se destacado pela produção de frutas no Mato Grosso do Sul, região com forte apelo para a aquicultura. “Eu nasci na roça e depois de um período fui para cidade, morei quase quarenta anos em Prudente. Mas chega um momento na vida em que temos que voltar as nossas origens e foi isso o que consegui com a reforma agrária”, ela conta.

Há mais de 11 anos cuidando de um pedaço de terra em que cultiva diversos tipos de frutas, de laranjas a graviolas, Braulina não se sente intimidada pela grande presença masculina na área. “A mulher está conseguindo seu espaço. Eu acho que nós temos o poder de conseguir tudo o que nós queremos. Temos força. Não queremos competir com os homens, queremos ter os mesmos direitos que eles”.

Segundo dados do NEAD (Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural), o número de contratos de mulheres que aderiram ao Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), evoluiu de 10,4%, em 2001, para 16,6%, em 2004 – um aumento de mais de seis pontos percentuais em três anos. Além disso, informações da 6ª edição da Pesquisa Comportamental e Hábitos de Mídia do Produtor Rural Brasileiro, apontam um crescimento de mais de 50% na participação feminina da tomada de decisões no campo nos últimos dois anos. Nilcenira Gomes, também agricultora familiar, trabalha com a produção derivados do leite e administra sua loja e a fazenda ao lado do marido. Residente de Presidente Epitácio, fronteira entre São Paulo e Mato Grosso do Sul, ela optou pelo trabalho rural depois que ficou grávida. “Eu queria ter tempo para ficar com a minha família. Essa foi a solução que encontrei para fazer algo que gostasse enquanto aproveitava mais a infância do meu filho”, relata.

“Acredito que a mulher tem ganhado espaço na agricultura porque quem é agricultor sabe que é através é daí que sai sua fonte de renda. Eu me sinto mais útil, mais produtiva, mais independente”. Por ser uma atração turística, a cidade de Presidente Epitácio tem sido um bom local para fabricar queijos e iogurtes artesanais, além de abrir espaço para a atuação feminina.

Gestão e Pesquisa. Não é apenas na agricultura familiar que a mulher pode atuar e obter sucesso – a gerente de negócios da *Tracan*, empresa que fornece máquinas e sistemas para agricultura, Tracy Ferrante, superou o preconceito dentro da gestão agropecuária e hoje já é

reconhecida no mercado. “Muitas vezes, quando chego para tratar de negócios, as pessoas me olham como se perguntassem: ‘O que *ela* está fazendo aqui?’”, conta.

“Aos poucos mostro meu trabalho e que sou capaz de efetuar as tarefas tão bem quanto qualquer homem”. Formada em agronomia em Ribeirão Preto, Tracy já atuou com integração lavoura/pecuária em uma empresa do Mato Grosso e já montou máquinas para agricultura.

Mesmo com a rara presença feminina dentro da gestão do agronegócio – na maioria das reuniões com a diretoria, Tracy é a única mulher –, ela não se sente ameaçada. “O fato de ser mulher muitas vezes me ajuda, a receptividade em alguns momentos é bem maior e estamos conquistando nosso espaço dia a dia”.

Debora Milori também conquistou seu espaço – tendo sido a primeira pesquisadora mulher dentro da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) de Ribeirão Preto, ela conta que foi a “ovelha negra” da família ao ser a única dentre cinco filhas a escolher cursar Física. “O universo que escolhi, na época, era bastante masculino e competitivo. Contudo, acredito que quebrei barreiras e abri portas para uma ciência sem distinção de gênero”.

“A Embrapa entrou na minha vida após meu doutorado em óptica e física atômica. Você deve estar se perguntando: ‘O que alguém com formação em óptica e física atômica vai fazer na Embrapa?’. Pois é, eu também me perguntei isso antes de entrar no prédio para visitar a unidade de Instrumentação”, Debora conta ao relembrar o início de sua carreira dentro da pesquisa agrônoma. “Acho que hoje temos uma “feminização” no mercado: as mulheres têm ganhado cada vez mais espaço em todas as áreas. Se os profissionais competentes forem inseridos nos locais adequados, teremos um país melhor, independente se forem homens ou mulheres”.

Mestra. Não apenas de gestão vive a mulher – outras meninas optaram pela área da educação, como foi o caso de Elke Cardoso, professora do Departamento de Ciências do Solo da ELSAQ-USP (Escola Superior de Agricultura “Luiz Queiroz”). “Na época em que entrei na universidade, não era muito fácil para uma mulher impor-se num ambiente tão masculino e cheio de preconceitos machistas, bem mais declarados nos anos 60 do que hoje em dia”.

“Em toda a ESALQ o número de mulheres era muito pequeno, com muito poucas ou até nenhuma menina em várias séries letivas. Na minha turma éramos cinco alunas, o que era considerado até um número muito respeitável, entre aproximadamente 70 alunos totais”, ela conta. Para Elke, a masculinização no setor pode ser evitada. “Se acreditarmos em nós e mostrarmos competência, podemos evoluir tanto quanto outro profissional do gênero masculino”.